

NOVAS PERSPECTIVAS NA HISTORIOGRAFIA DO TRABALHO EM SANTA CATARINA.

Rafaela Leuchtenberger
Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

Resumo

Neste artigo pretendo realizar uma análise geral sobre a produção historiográfica do trabalho em Santa Catarina, passando pelas diversas formas de compreender os trabalhadores na História para, por fim, deter-me num exame sobre as produções desenvolvidas nos últimos 12 anos no Estado. Apresento breve apresentação a respeito dos trabalhos analisados, separando-os por grupos em temáticas com a finalidade de se visualizar melhor as abordagens realizadas.

Palavras-chave: historiografia, trabalho escravo, trabalho livre, Santa Catarina

Abstract

This article intends to realize a general analysis about the productions of work's historiography in Santa Catarina State. It goes through the different ways of comprehension of History's workers and does a deep examination about the productions realized in the last 12 years in the state. I have done a shortly presentation about the analyzed researches, with thematic groups, intending to have a better vision of the realized boarding.

Key words: historiography, slave work, wage earner, Santa Catarina state.

Ao se iniciar uma pesquisa a respeito de trabalhadores e relações de trabalho no Estado de Santa Catarina, a primeira dificuldade com que o pesquisador se depara é a falta de bibliografias que tenham o trabalhador e suas experiências como objeto de análise, compreendidos como sujeitos da história. Mas estes personagens, pouco a pouco, vêm ganhando espaço, o que pode ser percebido através das pesquisas que vêm sendo desenvolvidas nos últimos anos, e que se tornam cada vez mais presentes, tendo como objeto de interesse o trabalhador catarinense e sua agência. Este fenômeno está relacionado à produção historiográfi-

¹ E-mail: rafaberger@yahoo.com.br

ca do pós anos 1980 no Brasil, que atuou no sentido de possibilitar novas formas de se pensar e compreender as relações de trabalho, assim como, os sujeitos na história. Em Santa Catarina percebe-se o quanto isso viabilizou outras perspectivas de abordagem, assim como, a utilização de diversificadas fontes e diferentes problemáticas, resultando em estímulo para maior produção de pesquisas.

Realizei para este artigo busca dentre os trabalhos desenvolvidos na UFSC, UNESC e UDESC¹ por serem estas as instituições que desenvolvem pesquisa no Estado. Foram verificados aproximadamente 164 trabalhos, na maioria dissertações de mestrado, dos quais 60 tratam de assuntos relacionados aos trabalhadores. Verifiquei que a partir de 2001 é que estes trabalhos passam a ser mais presentes e em 2005 ganham uma maior influência da história social, sendo que os trabalhos anteriores apresentavam forte perspectiva da história cultural. Acredito que isso se deva ao fato de ter sido fundada apenas em 2002, no Programa de Pós Graduação da UFSC, a Linha de estudos *Trabalho, Sociedade e Cultura*, com enfoque da história social, organizada dentro da Área de História Cultural existente desde 1975 na Universidade Federal.

Acho importante salientar que compreendo este artigo como um trabalho inicial e, portanto, com algumas limitações. Não consegui desenvolver pesquisa mais aprofundada em outros departamentos que não fossem de História, encontrando apenas alguns trabalhos que foram desenvolvidos em outras áreas embora saiba da importância dessa produção para a historiografia. Também não pude verificar aprofundadamente a produção a respeito de Santa Catarina em universidades fora do Estado, o que acabou tornando-o mais focado nas produções historiográficas desenvolvidas sobre o Estado no Estado.

HISTORIOGRAFIA DO TRABALHO – APONTAMENTOS:

Para o desenvolvimento de um estudo de história dos trabalhadores em Santa Catarina, livres ou escravos, parte-se de uma bibliografia comum, que hoje nos serve mais de fonte do que como registro historiográfico. Os primeiros estudos de história do Estado foram desenvolvidos por pesquisadores amadores que buscavam registrar os acontecimentos passados e vivenciados em suas cidades. Mas também, e principalmente, por historiadores positivistas, como Walter Piazza, Oswaldo Cabral² e Humberto Carlos Correa, que dentro da lógica pela qual compreendiam o fazer da história, desenvolveram pesquisas que buscavam ser grandes sínteses e que se focavam nas elites, assim como, nos principais fatos políticos e militares. Nessa perspectiva alimentaram-se concepções baseadas nas elites locais, e nas famílias tradicionais, desenvolvendo tratados de elogios às práticas empreendedoras dos imigrantes europeus bem sucedidos.

Destaco, dentro destas maneiras de desenvolver a história, obras tais como: *Nossa Senhora do Desterro*, de Oswaldo Cabral³; *Memória Barriga Verde*, de Manoel Gomes⁴; *Santa Catarina: história da gente*, de Walter Fernando Piazza⁵; *A Ilha de Santa Catarina: Espaço, tempo e gente*, de Nereu do Vale Pereira⁶; assim como o livro *Perfis de alguns catarinenses ilustres* de Zedar Perfeito da Silva⁷, que no título demonstra claramente sua compreensão de história. Nessa produção historiográfica, o que se verifica a respeito do papel e participação dos escravos na formação do estado, é muito pouco.

Ilka Boaventura Leite⁸ realizou pesquisa a respeito dessa invisibilidade do negro na historiografia, e a forma como a presença desta população foi negada na formação da sociedade catarinense. Segundo a autora isso se deu devido a uma forte intenção ideológica de valorização da presença do imigrante branco, e nessa lógica, do branqueamento do Estado catarinense que ainda hoje é conhecido como o “Estado europeu” do Brasil.

Estas bibliografias tradicionais apresentam que Santa Catarina passou por um processo diferenciado de colonização e formação econômica. Segundo Beatriz Mamigonian⁹, autores como Walter Piazza, Oswaldo Cabral e Fernando Henrique Cardoso, formularam e fortaleceram a teoria de que a colonização na ilha de Santa Catarina e territórios adjacentes, se desenrolou apenas por interesses militares, tendo, portanto, um processo de escravidão de pouca relevância.

Esses autores, que foram durante muitos anos a grande referência no assunto, demonstram que os poucos escravos existentes na região teriam servido apenas como apoio a uma produção de subsistência, sendo de uso predominantemente doméstico e urbano. Construindo com isso a teoria de que a economia catarinense somente teria se desenvolvido a partir de 1850, com a instalação de colônias de imigrantes alemães e italianos.

Mamigonian aponta uma característica interessante referente à economia do litoral catarinense, a qual não se baseou em latifúndios detentores de grandes escravarias, mas que se sustentava na escravidão em números bem relevantes, “algo entre um quarto e um terço da população na primeira metade do século XIX”. Esta população não poderia ser utilizada apenas de forma doméstica e urbana na configuração e organização econômica da região daquele momento, onde o núcleo urbano era diminuto e as regiões rurais ainda eram predominantes.

Uma obra clássica que contribuiu no sentido de criar estes “mitos” e sustentar preconceitos existentes, que se tornaram consensos, foi o livro *Cor e Mobilidade Social em Florianópolis* (1960), de Fernando Henrique Cardoso e Octávio Ianni. Nesta obra os autores analisam as relações entre negros e brancos na capital catarinense, do século XVIII até o séc. XX, discutindo a “transição” do trabalho escravo para o livre. Apresentam a economia catarinense como

produtora de bens de consumo e o negro como constituído numa relação de dependência, onde mesmo livre não conseguiria se adaptar a lógica capitalista, não possuindo condições para ascender como os brancos. Esta é apenas uma reflexão desses autores que desenvolveram outras obras¹⁰, as quais, no intuito de se contrapor a ideologia da harmonia racial, acabaram construindo outros preconceitos baseados na anomia social, onde os negros afastados de seus meios culturais teriam ficado engessados sob a dominação, perdendo com isso a possibilidade de reagirem¹¹.

Através das explicações baseadas em noções de particularidade para explicar a realidade catarinense, encobriu-se durante muito tempo a importância da atuação do escravo na formação econômica regional. Isso se refletiu nos estudos historiográficos desenvolvidos, onde se percebe grande contraste quando se relaciona o número de pesquisas realizadas a respeito do imigrante europeu em Santa Catarina, e o da presença e atuação dos afro-descendentes¹². A escravidão negra passa a ser interesse de pesquisa tardiamente no estado. De 1994 a 2005 contabilizei, dentre os trabalhos apresentados ao programa de pós-graduação em História, na Universidade Federal de Santa Catarina, 27 pesquisas tratando do imigrante europeu, enquanto apenas 7 se referiam a escravidão no estado. O maior número de pesquisas a respeito deste assunto desponta a partir de 2003, fazendo um movimento diferente da historiografia nacional, na qual, esse interesse torna-se forte já nas décadas de 1980 e 1990.

Um trabalho que virou referência por demonstrar a importância da participação do escravo na economia e na formação do estado catarinense, é a tese de doutorado de Paulino de Jesus; *Negros em Desterro: experiências de populações de origem africana em Florianópolis, 1860-1888*, na qual o autor realiza uma análise das relações mercantis e rurais de Desterro. Através de uma descrição das principais freguesias e atividades econômicas da cidade, vai aos poucos demonstrando a existência de negros africanos na ilha de Santa Catarina. Passa então a discutir a inserção desta população na cidade, nas relações sociais, de habitação e cotidiano, e no mercado de trabalho, tratando de seus interesses e objetivos, enquanto cativos, livres e libertos.

Para desenvolver sua pesquisa, Paulino de Jesus utilizou grande quantidade de fontes, apresentando a participação de escravos como uma constante, onde desempenhavam funções em diferentes espaços: no trabalho doméstico, no artesanato, agricultura e comércio. Coloca, através de seu trabalho, mais uma vez em questionamento, a compreensão de que Santa Catarina se constituiu somente como uma sociedade agrícola, baseada em núcleos familiares de trabalhadores livres.

Os trabalhos que analisei nesta busca apontam para a existência atual de diferentes interesses e questionamentos em relação à presença de populações

negras no estado. Percebe-se que ao longo dos anos ocorreu uma maior preocupação acerca da escravidão e suas diferentes formas de expressão. Dentre os temas, por mim elencados, despontam relações de cotidiano, organização e protesto, parentesco, sociabilidade, liberdade e ações de trabalho.

Por exemplo, sob o título *Terra, Gado e Trabalho: Sociedade e Economia Escravista em Lages, SC (1840-1865)*, Nilsen Borges discute a economia e a organização social da região de Lages, planalto catarinense, verificando as características de uma economia escravista. O desenvolvimento econômico dessa região esteve condicionado à formação de grandes propriedades e também às práticas tropeiristas de pequenos e médios criadores e tropeiros, os quais utilizavam em muito o trabalho compulsório. São discutidas no texto características demográficas, da agropecuária e do funcionamento do mercado escravo. Borges trabalhou com fontes diversas utilizando inventários post-mortem, mapas de população, escrituras de compra e venda de escravos e de liberdade, relatórios e falas de presidente de Província, entre outras.

Outro texto que enquadro no mesmo grupo de pesquisas de Borges, a respeito das formas de trabalho, é a dissertação *Escravidão, Liberdade e os Arranjos de Trabalho na Ilha de Santa Catarina nas Últimas Décadas da Escravidão (1850-1888)*, de Clemente Gentil Pena. Este trata da economia e do trabalho na capital do estado, no final do século, verificando que o incremento na produção e na intensificação do comércio com outras províncias teve forte investimento em compra de escravos. Segundo o autor, “esta conclusão contradiz a idéia corrente de que Santa Catarina teria, logo após a proibição definitiva do tráfico atlântico de escravos em 1850, começado a vender escravos para o sudeste”¹³, havendo, então, uma continuação no uso de mão-de-obra escrava. O autor busca apresentar as diversas funções ocupadas pelos trabalhadores escravos, o aumento do número de libertos e como estes faziam para se manterem no mercado de trabalho.

Muito interessante a respeito do tráfico de escravos, no mesmo período e também na capital, é a dissertação de Rafael da Cunha Scheffer, sob o título *Tráfico interprovincial e comerciantes de escravos em Desterro, 1849-1888*. Scheffer procura demonstrar neste trabalho o volume e as formas pelas quais se operavam o tráfico escravocrata, apontando também o impacto que causavam na população cativa. O autor apresenta os comerciantes que atuavam neste negócio, a que grupo social pertenciam e suas relações dentro da sociedade local, focando-se na figura de Manoel Antonio Victorino de Menezes como o maior comerciante de escravos da região. Scheffer demonstra que o comércio de escravos desterrense era completamente ligado ao mercado nacional e que os comerciantes estavam bem inseridos na sociedade, sem sofrer, aparentemente, nenhum tipo de preconceito.

O trabalho é desenvolvido a partir de fontes como anúncios de compra e venda de escravos, de registros da movimentação do porto de Desterro, dos impostos sobre a comercialização de cativos e dos registros de escravos nos livros de notas, assim como fontes judiciais e o testamento de Victorino de Menezes.

Sobre a organização e as formas de protesto da comunidade escrava e afro-descendente, presentes no estado catarinense, destaco em meu levantamento três dissertações: *A Lagoa da Conceição também é dos pretos! Experiências dos grupos populares no leste da Ilha de Santa Catarina (1870-1880)*, de Joice Farias; *Os Homens Pretos de Desterro: Um Estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*, de Cláudia Mortari; e *Fugas escravas e quilombos na Ilha de Santa Catarina, século XIX*, de Martha Rebellato.

Este grupo de trabalhos entra em grande contradição com diversas concepções formalizadas ao longo dos anos, que demonstravam não só a pequena presença escrava no estado, como também a impossibilidade de organização e luta dos mesmos.

Rebellato, em sua pesquisa, chega a debater a constituição de “ajuntamentos de escravos fugidos”, apresentando várias ocorrências de fugas, até mesmo marítimas. A autora recria as rotas de fuga e a relação dos escravos com a comunidade local da ilha.

No grupo por mim denominado Parentesco, direito e sociabilidade, incluo a dissertação de Denize Silva, *Plantadores de raiz: escravidão e compadrio nas freguesias de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville - 1845/1888*; assim como a dissertação de Patrícia R. Geremias, *Ser “ingênuo” em Desterro/SC: A lei de 1871, o vínculo tutelar e a luta pela manutenção dos laços familiares das populações de origem africana (1871-1889)*. A segunda discute o processo de elaboração da legislação de 1871, buscando compreender as implicações que a chamada Lei do Ventre Livre teve para as crianças e suas famílias, e analisa os processos de tutela do Juizado de órfãos e Ausentes de Desterro, entre o período de 1880 a 1889.

Sobre noções de liberdade formei mais um grupo no qual incluí os seguintes trabalhos: *Diante da liberdade: um estudo sobre os libertos da Ilha de Santa Catarina na segunda metade do século XIX*, de Ana Paula Wagner; *A Libertação Gradual e a Saída Viável: os múltiplos sentidos da liberdade pelo Fundo de Emancipação dos Escravos*, de Fabiano Dauwe; ambas dissertações de mestrado.

A pesquisa de Dauwe, desenvolvida na Universidade Federal Fluminense, também se foca em Nossa Senhora do Desterro, discutindo o Fundo de emancipação dos escravos, o qual segundo o autor pode ser observado como um fundo

de interferência estatal no processo abolicionista. O autor demonstra as formas pelas quais os escravos utilizavam a legislação a seu favor.

Este conjunto de trabalhos vêm contribuindo no sentido de iluminar a participação do negro na formação social e cultural do catarinense, assim como no processo econômico de estruturação do estado. Têm incorporado hipóteses diversas, metodologias e formas de análise de fontes à historiografia desenvolvida no estado. Essa perspectiva de avaliação e compreensão do passado, das fontes e da própria função do historiador, são próprias da historiografia do pós 1980 - que procura demonstrar que as relações de trabalho se dão de forma muito mais complexa e imbricadas de particularidades, onde o escravo deixa de ser visto como “coisa” e passa a ser detentor de agência. Segundo Ângela de Castro Gomes, as vertentes históricas anteriores a 1980, viam o escravo como se o mesmo tivesse vivenciado “uma situação de dominação de tal natureza, que embora fosse capaz de ações humanas, ficara destituído de consciência, tornando-se incapaz de ter orientações próprias. Ou seja, ele se tornara efetivamente em ‘coisa ou peça’ (...) o escravo completamente vitimizado não possuía qualquer margem de manobra na sociedade escravista”¹⁴. E quando este demonstrasse traços e ações de rebeldia contra a dominação sobre ele exercida, era então compreendido como “o perigo do escravo rebelde. (...) uma ameaça radical a sociedade”¹⁵

Esta historiografia, do pós 1980, passa a ver as relações entre os sujeitos históricos com um olhar diferente e a negar e superar tradições e estruturas sólidas de compreensão da realidade e das relações de classe. Sob influência de um debate internacional e dentro de um contexto de transformações político-nacionais, passa-se a valorizar a ação dos sujeitos, capazes de reagir e pensar sobre as questões que os cercam. Abre-se espaço para observar a ação dos sujeitos e as maneiras como os mesmos compreendiam seu mundo, assim como as estratégias que construía para sobreviver nele. Coloca-se na ordem das pesquisas e análises, a partir de Thompson, um novo conceito para a compreensão da atuação destes sujeitos, a *experiência*, a qual segundo o autor:

entra sem bater na porta e anuncia mortes, crises de subsistência, guerra de trincheira, desemprego, inflação, genocídio. Pessoas estão famintas: seus sobreviventes tem novas formas de pensar sobre o mercado. Pessoas são presas: na prisão, pensam de modo diverso sobre as leis. Frente a essas experiências gerais, velhos sistemas conceptuais podem desmoronar e novas problemáticas podem insistir em impor sua presença.¹⁶

E é desta forma que a compreensão acerca da realidade do mundo do trabalho catarinense passa a ser questionada, tanto em relação a formação euro-

péia branca e a pouca presença de escravos negros, quanto ao papel empreendedor das elites e a inexistência de uma tradição de organização dos trabalhadores livres.

Para realizar uma análise geral acerca do trabalho livre em Santa Catarina, parto do artigo de Cláudio Batalha, *A Historiografia da Classe Operária no Brasil: Trajetórias e Tendências*¹⁷, buscando traçar um paralelo com a produção historiográfica desenvolvida no Estado. Batalha apresenta fases na produção histórica sobre a classe operária, iniciado com a existência de pesquisas de caráter militante - os quais teriam sido os primeiros estudos voltados à história dos trabalhadores livres no Brasil. Uma produção realizada fora do campo acadêmico e com o objetivo de servir de forma prática ao movimento social, criando uma memória coletiva que atuasse dando exemplo e impulso para a mobilização dos trabalhadores. Partindo desta forma de análise, constituíram-se inúmeras pesquisas onde as atitudes de ação direta eram valorizadas, deixando-se de lado organizações e movimentos que foram fundamentais no processo de formação da classe.

Para a história e memória dos movimentos sociais e políticos dos trabalhadores catarinenses neste período, o trabalho de Manoel Alves Ribeiro, *Caminho*¹⁸, exemplifica esta tendência. Um livro de memórias de um operário que viveu na cidade de Florianópolis durante a construção da ponte Hercílio Luz, assim como participou ativamente da constituição do Partido Comunista no município. Mimo, como ficou conhecido, cria todo um espaço de heroísmo e consciência de classe para os trabalhadores envolvidos com a política no estado. Percebe-se claramente o intuito político de suas memórias e quais eram seus interesses ao escrevê-las - sem desmerecer aqui a obra enquanto fonte. Outras pesquisas que assumem esta mesma postura é a dissertação de mestrado de Jaci Guilherme Vieira, *História do PCB em Santa Catarina*¹⁹, que apresenta a constituição do Partido Comunista no Estado e sua atuação, assim como o envolvimento dos trabalhadores com movimentos anarquistas e comunistas declarados. O livro *Os Comunas*, de Celso Martins²⁰ segue na mesma linha, discutindo a atuação dos comunistas, principalmente de Álvaro Ventura, com grande entusiasmo. Estes trabalhos devem ser analisados no estudo da classe, pois são as principais produções que tratam das atuações de trabalhadores organizados no campo político, mas precisam ser compreendidas com certos cuidados e ressalvas. Sidney Chalhoub discute esta perspectiva como “uma visão evolucionista e teleológica que, além disso, excluía da história a maior parte dos trabalhadores - todos aqueles que nunca haviam participado de uma revolta, de uma greve ou aderido a sociedades operárias”²¹, apontando assim o caráter evolutivo que esta forma de análise dá para o movimento. Neste sentido, ficaram sem registro as práticas das

associações mutualistas beneficentes, assim como dos clubes de música, poesia e artes, e das diferentes formas de socialização e expressão dos trabalhadores catarinenses.

Outra tendência historiográfica nacional fortemente sentida no estado desenvolveu-se ao longo dos anos 1960, quando a classe operária passou a ser objeto de diversos estudos, principalmente de análises sociológicas que buscavam desenvolver grandes sínteses. Apesar dos avanços, estas trouxeram outros problemas para a compreensão da formação da classe, pois acabavam por analisá-la como um movimento homogêneo, sem trabalhar as peculiaridades e sem abrir espaços para estas. Estes trabalhos acabaram por criar modelos sobre a formação da classe no país, baseando-se principalmente no eixo Rio-São Paulo. Neste período constituíram-se noções que até hoje são difíceis de superar, como a da origem estrangeira dos trabalhadores no Brasil, assim como da atuação dos anarquistas e sua hegemonia, e também da forte presença organizacional de luta voltada para a revolução socialista. Como Santa Catarina não se enquadrava nos modelos definidos era apontado como um Estado de fraca tradição organizacional operária, o que se demonstra falso quando analisamos os trabalhos desenvolvidos e percebemos forte atuação e participação dos trabalhadores em busca de melhores condições de vida. Na produção historiográfica após 1994 no Estado, verifica-se uma quantidade significativa de pesquisas relacionadas ao trabalhador livre, das quais a maioria possui problemáticas de interesse da história cultural e traz uma grande quantidade de detalhes para a compreensão dos papéis desenvolvidos pelos trabalhadores no estado.

Grande parte dos trabalhos apresentados refere-se ao cotidiano e relações dos trabalhadores imigrantes vindos de outros países. Abriguei estes trabalhos sob o título de Imigração/Migração subdividindo-o de acordo com as origens, verificando a existência de pesquisas sobre colonos franceses, italianos, alemães, sírios e libaneses.

Sobre a colonização alemã verifiquei maior número de pesquisas, totalizando seis trabalhos. Três destes apresentam preocupação referente à religião e o papel da igreja nas colônias. A dissertação de Márcio Roberto Voigt, *Imigração e Cultura Alemã no Vale do Itajaí. Educação, Religião e Sociedades na História de Timbó/SC (1869 - 1939)*, foca as instituições escola e Igreja, fazendo uma reflexão sobre as dificuldades de manutenção da cultura dos imigrantes através destes espaços. Realizando uma discussão sobre as transformações e formas de adaptação destes colonos, assim como da cidade que os recebia. Sobre a recepção do imigrante há o trabalho de Santino de Andrade, *Os alemães estão chegando: discursos sobre o imigrante alemão em Santa Catarina (1850-1890)*, no qual o autor apresenta os discursos sobre urbanidade e progresso que

foram desenvolvidos para o projeto de imigração, apresentando o colono como “modelo” visto como uma “solução” para a escravidão e o caminho para a constituição de um novo país.

Sobre a imigração italiana verifiquei três trabalhos, o de Ivan Carlos Serpa, que trata de engenhos no Vale do Itajaí Mirim; o de Lucy Cristina Ostetto - realizado a partir da história oral - discutindo as vivências de italianos em Nova Veneza; e o trabalho de José Carlos Radin, falando sobre ítalo-brasileiros em Joaçaba e as relações fundadas na vivência em pequenas propriedades de economia rural centradas nas famílias.

Liliane Edira Carvalho trata na dissertação *Do Balcão à Mesa: imigrantes e descendentes de sírios e libaneses na construção de uma identidade na Grande Florianópolis (1910-1950)*, sobre a vinda de sírios e libaneses num processo de imigração pouco mencionado nos registros historiográficos, desenvolvendo também através da história oral relatos acerca das vivências cotidianas destas famílias, assim como seu processo de adaptação e os problemas dela decorrentes. O trabalho de Antonio Carlos Güttler sob o título *A Colonização do Saí (1842-1844) - Esperança de Falansterianos/Expectativa de um Governo*, fala sobre um projeto colonizador aceito e financiado pelo governo, que instalou uma colônia francesa na Península do Saí, em Santa Catarina, mobilizando aproximadamente 500 imigrantes. Discute então as formas de organização e os processos de dificuldade pelo qual passaram tais imigrantes.

Sobre migrantes no Estado localizei dois trabalhos, o de Valdete Daufenback Niehues, *De agricultor a operário: lembranças de migrantes*, falando da trajetória de trabalhadores que na década de 1970 e 1980 deixaram seus locais de origem deslocando-se para Joinville, onde trocaram as atividades do campo por um trabalho assalariado em fábricas. Apresenta as dificuldades destes trabalhadores em se adaptarem às novas formas de trabalho. Roberto Iunskovski na dissertação *Migrantes Caboclos em Florianópolis: trajetória de uma experiência religiosa*, discute a questão de caboclos que migraram da região serrana de Santa Catarina para o Morro do Horácio, na cidade de Florianópolis. Segundo o autor, estes migrantes carregavam consigo um catolicismo popular muito influenciado pelo movimento do Contestado.

O Contestado é discutido em três trabalhos realizados no período verificado. O de grande destaque e referência é a tese de doutorado de Paulo Pinheiro Machado, desenvolvida no programa de pós-graduação da UNICAMP em 2001 e publicado em 2004, sob o título *Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)*. O autor analisa as origens sociais que levaram à revolta sertaneja, demonstrando que a interpretação de ter sido apenas um movimento messiânico torna-se falha frente à forma como se consti-

tuiu o processo desenrolado no oeste catarinense. Machado identifica as diferentes fases e lideranças que atuaram durante os embates, a organização do movimento e os seus objetivos. Sua pesquisa contou com grande quantidade de fontes e entra em choque com a visão predominante de ter sido um movimento religioso, espontâneo e despolitizado.

Fazendo uma análise do outro lado da guerra sertaneja, Rogério Rosa Rodrigues em sua dissertação *Os Sertões Catarinenses. Embates e conflitos envolvendo a atuação militar na Guerra do Contestado*, busca analisar a atuação do exército brasileiro, discutindo as estratégias e investidas militares, assim como os conflitos internos pelos quais passaram os soldados. Katiúscia Maria Lazarin desenvolveu sob o título *Fanáticos, Rebeldes e Caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na Historiografia do Contestado (1916-2003)*, uma busca historiográfica que demonstra o quanto se “criou” a respeito da Guerra Sertaneja, demonstrando também as novas formas de se compreender o movimento sertanejo.

Outro grupo que organizei a respeito do trabalhador livre engloba as pesquisas sobre o cotidiano dos trabalhadores, suas formas de habitação, organização e sociabilidade. Três destes trabalhos falam sobre a organização, formação e vivências em comunidades operárias, bairros e vilas. São eles a dissertação de Ellen Annuseck, *Nos Bastidores da Festa: outras histórias, memórias e sociabilidades em um bairro operário de Blumenau (1940-1950)*; a dissertação *Artes de viver: recriando e reinventando espaços - memórias das famílias da Vila Operária mineira Próspera Criciúma (1945/1961)*, de Marli de Oliveira Costa; e de Márcio Ricardo Teixeira Moreira, *A formação de uma vila operária em Itajaí (SC): uma industrialização interrompida*. O trabalho de Marli de Oliveira Costa procura discutir experiências vivenciadas no cotidiano dos moradores da Vila Operária Próspera, tratando do controle incentivado pela moralização das famílias mineiras, numa intervenção da Carbonífera Próspera S.A. nas formas de conduta de seus empregados e familiares. Neste mesmo grupo identifiquei trabalhos que tratam do papel da mulher, sendo eles a dissertação de Karen Parmigiani Pereira, *Mulheres em terra de homens do mar: cotidiano e sobrevivência em uma colônia pesqueira. Barra da Lagoa 1940-1980*; de Daniela da Silva Lúcio Minotto, *Memórias do cotidiano de mulheres agricultoras: Criciúma 1930-1950*; e de Janine Gomes da Silva, *Tensões, Trabalho e Sociabilidades: Histórias de Mulheres em Joinville no Século XIX*. Não tive acesso a estes trabalhos não podendo, portanto, dissertar sobre as formas como tratam destes temas. Organizei de maneira um tanto arbitrária as formas de organização dos trabalhadores neste mesmo grupo, pois ambos os trabalhos assim categorizados cabiam neste espaço. A dissertação *Memória e cotidi-*

ano do operário têxtil na cidade de Brusque-SC: a greve de 1952, de Marlus Niebuhr, busca discutir questões cotidianas tratando principalmente da greve de 1952, mas traçando paralelos com o dia a dia destes trabalhadores que a organizaram. Assim como a tese de Vera Regina Martins Collaço, *O Teatro da União Operária. Um palco em sintonia com a modernidade brasileira*, que se foca na organização do teatro da União Beneficente Recreativa Operária. Partindo das peças apresentadas percebe a forma como esta associação mutualista se estruturava e suas formas de organizar os trabalhadores.

No grupo que intitulei Ofícios/Profissões fica perceptível uma característica bastante forte da economia catarinense: a variedade de funções e diversidade de profissões e ocupações próprias de cada região do estado. Várias cidades catarinenses são contempladas por estes trabalhos: Criciúma, São José, Cocal do Sul, Florianópolis, Jaraguá do Sul, entre outras. Destaco entre estes trabalhos os que tratam do sul do estado - região de cerâmica, produção de plástico e mineração. A respeito do papel dos mineiros, suas vidas e trabalho, encontrei quatro pesquisas: uma publicação organizada por Alcides Goulart Filho, *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*, , uma dissertação da UFSC de Carlos Renato Carola, *Dos subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*; e dois trabalhos da UNESCO: a dissertação de Gerson Luis de Bôer Philomena, *Cultura do carvão em Criciúma-S : a história que não se conta*; e a monografia de especialização de Jadna de Cássia Rodrigues *Nos bastidores do carvão...: memórias, cotidiano e resistências das famílias agrícolas do Rio Morozini*. O trabalho de Carlos Carola discute as condições de trabalho das mulheres nas minas da região carbonífera do estado, evidenciando, segundo o autor, “relações de poder e resistência que se davam no cotidiano das minas”, assim como suas relações dentro das vilas operárias e as funções que desempenhavam. O autor discute a masculinização do espaço das minas e o discurso desenvolvido na época que atuava no sentido de as mulheres se restringirem ao ambiente doméstico.

Neste mesmo grupo verifiquei três pesquisas sobre olarias e práticas com cerâmica: a de João Henrique Zanelatto, *Homens de barro. Experiências de trabalhadores na cerâmica vermelha (olarias) em Morro da Fumaça*; a de Maria Bernardete Fontanella *A indústria cerâmica e a construção do espaço urbano de Cocal do Sul*; e a de Maria Aparecida de Lima, *A plasticidade nos artefatos de barro: olarias e oleiros de São José* - trabalho que fala sobre os esforços desempenhados por manter as tradições, assim como preservar a arte-ofício na cidade de São José. Ainda neste grupo inclui o trabalho de Adriane Schroeder Andermann, *Histórias e Engenho: Os Engenhos de Farinha de Mandioca em Florianópolis, Economia, Cuidados com a Produção, Ima-*

gens (1917 - 1920), que trata de engenhos. Neste trabalho a autora preocupava-se em discutir o espaço de trabalho e a estrutura utilizada na produção da farinha de mandioca. Realiza discussão sobre os debates desenvolvidos na época a respeito das questões de higiene, assim como os avanços e retrocessos econômicos dos engenhos e suas tradições.

Outro grupo de pesquisas também se foca em discutir as estruturas onde se desenvolviam as relações de trabalho e produção, os quais agrupei sob o título Locais de Trabalho. Neste grupo coloco o trabalho de Maria do Carmo dos Santos Bastos, *Luzes e Sombras. A história da empresa Força e Luz Santa Catarina S.A*; e o de Cátia Antonieta Brizola Weber, *Sombras do Ferrabrás: história(s) da(s) História(s)*. Não tive acesso também a essas pesquisas, não podendo, portanto, informar de que forma abordam a realidade das indústrias por elas estudadas. Dentro deste mesmo grupo consta a dissertação: *Marisol S.A. Indústria do Vestuário sua Evolução (1964-1992) - Estudo Histórico - Econômico - Financeiro*, de Marília Hafermann Netto Campos. Um trabalho de enfoque bastante econômico preocupado com o fortalecimento e a organização da indústria, sem demonstrar interesse pela atuação dos trabalhadores. O trabalho de Renato Rodrigues, *A contribuição sócio-política e cultural da empresa Induma para o desenvolvimento histórico do município de Taió* apresentado para o programa de pós-graduação em Sociologia Política, foca-se em compreender e demonstrar “a organização e a ação política destes empresários (alemães) no município e a sua contribuição sócio-política para o desenvolvimento histórico de Taió”. Aponto estes trabalhos aqui porque apresentam alguns detalhes que podem ser interessantes àqueles que buscam informações sobre as condições de trabalho. Fernanda Ben contrasta com essa perspectiva em sua dissertação *Trabalhadores da Indústria Frigorífica: trabalho, tradição, política e protesto. Chapecó SC (1967-1982)*, apresentando a trajetória de migrantes rurais em seu “processo de adaptação das formas de trabalho e a reinvenção das relações sócio-culturais nos núcleos urbanos que se constituíram próximo ao frigorífico Sadia de Chapecó” - os quais estavam ligados a um processo de desenvolvimento agroindustrial na cidade. Analisa também as mudanças no trabalho que atraíram trabalhadores do campo para a cidade. O trabalho de Maria da Conceição Moreira Barreto Raimundo, *O Estado na criação: crise e reestruturação do Porto de Imbituba (SC)* procura apresentar um pouco das duas visões, realizando uma apresentação tanto dos processos de criação, crise e reestruturação do porto, quanto identificando de que forma esses processos atingiam a população local.

Dentre as pesquisas que tratam das práticas de trabalho está o de Jaqueline Aparecida Martins Zarbato Schmidt, *Trabalhando em Florianópolis...* (As

práticas de trabalho e as memórias de trabalhadores e trabalhadoras. 1900–1920). Nesta pesquisa a autora apresenta as diversas práticas de trabalho desenvolvidas na ilha de Santa Catarina no século XX, buscando discutir as diferentes trajetórias encaminhadas dentro das mais diferentes funções. A autora procura ainda realizar uma discussão historiográfica sobre o trabalho.

Desta análise, por mim organizada, sobre as pesquisas realizadas acerca do mundo do trabalho em Santa Catarina, pude chegar a algumas conclusões. A invisibilidade da presença negra é ainda muito forte no Estado catarinense. Os trabalhos desenvolvidos acerca da escravidão estão extremamente focados na região de Desterro/Florianópolis, o que não se verifica nos que tratam do trabalho livre - provavelmente devido ao fato da Universidade Federal encontrar-se situada nesta cidade, assim como pelo número de fontes presentes no que era a capital. O estudo do trabalho escravo, apesar de ser ainda muito recente no Estado, vem apresentando grande crescimento nos últimos anos, e é possível perceber pelas pesquisas em andamento, que aumenta cada vez mais o interesse por essa temática.

O trabalho livre se constituiu como tema de interesse anteriormente à escravidão, mas as temáticas escolhidas não se focam no trabalhador em si, em suas experiências advindas das relações de trabalho. Percebe-se que nos últimos anos a história social vem ampliando seu espaço, aumentando a quantidade de objetos e problemáticas, assim como possibilitando a utilização de uma gama maior de fontes, o que cada vez mais é motivo de interesse e estímulo para novos pesquisadores.

Os trabalhos apresentados foram divididos em grupos apenas com o objetivo de facilitar a análise e permitir uma melhor visualização. Estes seguem abaixo juntamente com as referências utilizadas.

TRABALHO ESCRAVO

Cotidiano	1
Formas de organização e protesto	3
Parentesco, direito e sociabilidade	2
Liberdade	3
Trabalho	2
Tráfico	1
Historiografia	1
Sobre outros Estados	2
TOTAL	15 TRABALHOS

COTIDIANO

CARDOSO, Paulino de Jesus Francisco. *Negros em Desterro: experiências de populações de origem africana em Florianópolis, 1860-1888*. São Paulo: Pontifícia Católica de São Paulo. Tese, Programa de Estudos Pós graduados em História, São Paulo. 2004.

FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E PROTESTO

FARIAS, Joice. *A Lagoa da Conceição também é dos pretos!* Experiências dos grupos populares no leste da Ilha de Santa Catarina (1870-1880). Niterói: Universidade Federal Fluminense. Dissertação, Programa de pós-Graduação em história, Niterói, 2003.

MORTARI, Cláudia. *Os Homens Pretos de Desterro: Um Estudo sobre a Irmandade de Nossa Senhora do Rosário*. Rio Grande do Sul: Pontifícia Católica do Rio Grande do Sul. Dissertação, Programa de Pós Graduação em História, 2000.

REBELATTO, Martha. *Fugas escravas e quilombos na Ilha de Santa Catarina, século XIX*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, programa de pós-graduação em história, 2006.

PARENTESCO, DIREITO E SOCIABILIDADE:

GEREMIAS, Patrícia R. *Ser “ingênuo” em Desterro/SC: A lei de 1871, o vínculo tutelar e a luta pela manutenção dos laços familiares das populações de origem africana (1871-1889)*. Niterói: Universidade Federal Fluminense. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em História, 2005.

SILVA, Denize Aparecida. *Plantadores de raiz: escravidão e compadrio nas freguesias de Nossa Senhora da Graça de São Francisco do Sul e de São Francisco Xavier de Joinville - 1845/1888*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná. Dissertação, Programa de Pós-Graduação em História, 2004.

LIBERDADE

WAGNER, Ana Paula. *Diante da liberdade: um estudo sobre os libertos da Ilha de Santa Catarina na segunda metade do século XIX*. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, Dissertação, Programa de Pós Graduação em História, 2002.

DAUWE, Fabiano. *A Libertação Gradual e a Saída Viável: os múltiplos sentidos da liberdade pelo Fundo de Emancipação dos Escravos*. Niterói: Universida-

de Federal Fluminense, Dissertação, Programa de Pós-Graduação em História, 2004.

TRABALHO

BORGES, Nilsen C. O. “Terra, Gado e Trabalho: Sociedade e Economia Escravista em Lages, Sc (1840-1865). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Dissertação, Programa de Pós-Graduação em História, 2005.

BRIGNOL, Juliani Moreira. *Bordados do Destino: saberes das mulheres afro-descendentes na passagem do século XIX ao XX na Capital de Santa Catarina.* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, Programa de Pós- Graduação em História, 2003.

PENNA, Clemente Gentil. *Escravidão, liberdade e os arranjos de trabalho na Ilha de Santa Catarina nas últimas décadas de escravidão (1850-1888).* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, Dissertação. Programa de Pós-graduação em História, 2005

TRÁFICO

SCHEFFER, Rafael da Cunha. *Tráfico interprovincial e comerciantes de escravos em Desterro, 1849-1888.* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina: Dissertação, programa de pós-graduação em História, 2006.

HISTORIOGRAFIA

FREITAS, Patrícia de. *Margem da palavra, silêncio do número: o negro na historiografia de Santa Catarina.* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, programa de pós-graduação em História, 2005.

SOBRE OUTROS ESTADOS

FREITAS, Sílvia Correia. *Tecendo Laços: as práticas comunitárias dos escravos em Antonina - PR (1840-1870).* Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, dissertação, programa de Pós-Graduação em História, 2003.

LEANDRO, José Augusto. *Gentes do Grande Mar Redondo: riqueza e Pobreza na Comarca de Paranaguá - 1850-1888.* Florianópolis: Universidade Federal de santa Catarina, dissertação, Programa de pós-graduação em História, 2003

TRABALHO LIVRE:

Imigrantes/Migrantes	15
Ofício e profissões	12
Locais de Trabalho	4
Cotidiano, sociabilidade, organização e repressão	9
Contestado	3
Sobre outros estados	2
TOTAL	45 trabalhos

IMIGRANTES/MIGRANTES

Imigrantes alemães	6
Imigrantes italianos	4
Outros	3
Migrantes	2
TOTAL	15

OFÍCIOS/PROFISSÕES

Práticas de trabalho em geral	2
Olarias	3
Engenhos	1
Mineração	4
Jornalismo	1
TOTAL	11

LOCAIS DE TRABALHO

Indústria	3
Porto	1
TOTAL	4

COTIDIANO, SOCIABILIDADE, ORGANIZAÇÃO E REPRESSÃO

Mulheres	3
Organização	2
Habitação e relações sociais	3
Repressão	1
TOTAL	9

CONTESTADO

Guerra Sertaneja	2
Historiografia	1
TOTAL	3

ALEMÃ:

JOCHEM, Toni Vidal. *A formação da Colônia Alemã Teresópolis e a atuação da Igreja Católica (1860-1910)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 2002.

FROTSCHER, Méri. *Etnicidade e trabalho alemão: outros usos e outros produtos do labor humano*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1998.

VOIGT, Márcio Roberto. *Imigração e Cultura Alemã no Vale do Itajaí*. Educação, Religião e Sociedades na História de Timbó/S.C. (1869 - 1939). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1996.

VOIGT, André Fabiano. *Imigrantes entre a Cruz e a Espada*. Imigração alemã, confissão religiosa e cidadania no Vale do Itajaí/SC (1847 - 1863). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1999.

ANDRADE, Santino de. *Os alemães estão chegando: discursos sobre o imigrante alemão em Santa Catarina (1850 - 1890)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 2000.

BRANCO, Juçara de Souza Castello. *Alemães em Lages: uma trajetória de conflitos e alianças guardadas pela memória*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 2001.

ITALIANA

SIMONI, Karine. *Além da Enxada a Utopia: a colonização italiana no Oeste Catarinense*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 2003.

SERPA, Ivan Carlos. *Os engenhos de Limeira: história e memória da imigração italiana no Vale do Itajaí-Mirim*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1998.

OSTETTO, Lucy Cristina. *Vozes que Recitam, Lembranças que se Refazem: Narrativas de Descendentes Italianas/os. Nova Veneza 1920 - 1950*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1997.

RADIN, José Carlos. *Ítalo-brasileiros em Joaçaba*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1995.

OUTROS:

GÜTTLER, Antônio Carlos. *A Colonização do Saí (1842-1844) - Esperança de Falansterianos / Expectativa de um Governo*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1994.

CARVALHO, Liliane Edira Ferreira. *Do Balcão à Mesa: imigrantes e descendentes de sírios e libaneses na construção de uma identidade na Grande Florianópolis (1910-1950)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 2002.

SANTOS Manoel Pereira Rego Teixeira dos. *Vida e Trabalho na Floresta. Uma análise da interação entre imigrantes e a floresta nas colônias do Vale do Itajaí e norte de Santa Catarina durante a segunda metade do século XIX*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 2004.

IUNSKOVSKI, Roberto. Migrantes Caboclos em Florianópolis: trajetória de uma experiência religiosa. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 2002.

NIEHUES, Valdete Daufenback. *De agricultor a operário: lembranças de migrantes*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 2000.

PROFISSÃO/ OFÍCIOS

OLARIAS

ZANELATTO, João Henrique. *Homens de barro*. Experiências de trabalhadores na cerâmica vermelha (olarias) em Morro da Fumaça. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1998.

LIMA, Maria Aparecida de. *A plasticidade nos artefatos de barro: olarias e oleiros de São José*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1998

FONTANELLA, Maria Bernardete. *A indústria cerâmica e a construção do espaço urbano de Cocal do Sul*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em Geografia.

ENGENHOS

ANDERMANN, Adriane Schroeder. *Histórias de Engenho: Os Engenhos de Farinha de Mandioca em Florianópolis, Economia, Cuidados com a Produção, Imagens (1917 - 1920)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1996.

MINAS

CAROLA, Carlos Renato. *Dos subterrâneos da História: as trabalhadoras das minas de carvão de Santa Catarina (1937-1964)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1997.

GOULART FILHO, Alcides (org.). *Memória e cultura do carvão em Santa Catarina*, Florianópolis : Cidade futura, 2004.

PHILOMENA, Gerson Luis de Bôer. *Cultura do carvão em Criciúma-SC: a história que não se conta*. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense,

Dissertação, Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais, 2005.

RODRIGUES, Jadna de Cássia. *Nos bastidores do carvão...: memórias, cotidiano e resistências das famílias agrícolas do Rio Morozini*. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense, Monografia de Especialização. Programa de Pós-Graduação em Educação Física na séries iniciais do ensino fundamental, 2001.

JORNALISMO

SIEBERT Itamar. *Um Biênio de provações e entusiasmos nas origens do jornalismo catarinense (1855 - 1856)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de Pós-Graduação em História, 1995.

PRÁTICAS DE TRABALHO EM GERAL

SCHMITT, Jaqueline Aparecida Martins Zarbato. *Trabalhando em Florianópolis... (As práticas de trabalho e as memórias de trabalhadores e trabalhadoras. 1900 - 1920)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, Programa de pós-Graduação em História, 2001.

SANTOS, Maurício Aurélio dos. *Acumulação, geração de emprego e diversificação da economia no sul de Santa Catarina : carvão, cerâmica e a indústria de plásticos*. Tese (doutorado) Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, 1998.

LOCAIS DE TRABALHO

CAMPOS, Marília Hafermann Netto. *Marisol S.A. Indústria do Vestuário sua Evolução (1964-1992) - Estudo Histórico - Econômico - Financeiro*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1994.

BASTOS, Maria do Carmo dos Santos. *Luzes e Sombras*. A história da empresa Força e Luz Santa Catarina S.A. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1998.

WEBER, Cátia Antonieta Brizola. *Sombras do Ferrabrás: história(s) da(s) História(s)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1999.

BEM, Fernanda. *Trabalhadores da Indústria Frigorífica: trabalho, tradição, política e protesto*. Chapecó SC (1967-1982). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1999.

RODRIGUES, Renato. *A contribuição sócio-política e cultural da empresa Induma para o desenvolvimento histórico do município de Taió*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em Sociologia Política.

RAIMUNDO, Maria da Conceição Moreira Barreto. *O Estado na criação : crise e reestruturação do Porto de Imbituba (SC)*. Florianópolis. Universidade do Estado de Santa Catarina. Centro de Ciências em Educação, Mestrado em Educação e Cultura, Florianópolis, 2005.

COTIDIANO, SOCIABILIDADE, ORGANIZAÇÃO E REPRESSÃO

MULHERES

PEREIRA, Karen Parmigiani. *Mulheres em terra de homens do mar: cotidiano e sobrevivência em uma colônia pesqueira. Barra da Lagoa (1940 - 1980)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 2000.

SILVA, Janine Gomes da. *Tensões, Trabalho e Sociabilidades: Histórias de Mulheres em Joinville no Século XIX*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação: Programa de pós-Graduação em História, 1997.

MINOTTO, Daniela da Silva Lúcio. *Memórias do cotidiano de mulheres agricultoras: Criciúma (1930-1950)*. Criciúma: Universidade do Extremo Sul Catarinense, Monografia de Especialização em História Social e História Cultural, 2005.

ORGANIZAÇÃO E FORMAÇÃO

COLLAÇO, Vera Regina Martins. *O Teatro da União Operária. Um palco em sintonia com a modernidade brasileira*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Tese: Programa de pós-Graduação em História, 2004.

NIEBUHR, Marlus. *Memória e cotidiano do operário têxtil na cidade de Brusque-SC: a greve de 1952*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, Programa de pós-Graduação em História, 1997.

HABITAÇÃO, RELAÇÕES SOCIAIS

ANNUSECK Ellen. *Nos Bastidores da Festa: outras histórias, memórias e sociabilidades em um bairro operário de Blumenau (1940-1950)*. Florianópolis:

Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, Programa de pós-Graduação em História.

COSTA, Marli de Oliveira. *Artes de viver : recriando e reinventando espaços - memórias das famílias da Vila Operária mineira Próspera Criciúma (1945/1961)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, Programa de pós-Graduação em História, 1999.

MOREIRA, Márcio Ricardo Teixeira. *A formação de um vila operária em Itajaí (SC): uma industrialização interrompida*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, Programa de pós-Graduação em Geografia, 2002.

CONTESTADO

LAZARIN, Katiúscia Maria. *Fanáticos, Rebeldes e Caboclos: discursos e invenções sobre diferentes sujeitos na Historiografia do Contestado. (1916-2003)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, Programa de pós-Graduação em História, 2005.

MACHADO, Paulo Pinheiro. *Um estudo sobre as origens sociais e a formação política das lideranças sertanejas do Contestado, 1912-1916*. Campinas: Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, 2001.

RODRIGUES, Rogério Rosa . *Os sertões catarinenses: embates e conflitos envolvendo a atuação militar na Guerra do Contestado*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, Programa de pós-Graduação em História, 2001.

SOBRE OUTROS ESTADOS

GONÇALVES, Adelaide Maria. *A Imprensa dos Trabalhadores no Ceará, 1862 aos anos 1920*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, Programa de pós-Graduação em História, 2001.

SCHREINER, Davi Félix. *A Formação de uma Cultura do Trabalho - Cotidiano, Trabalho e Poder (Extremo Oeste do Paraná – 1970/1988)*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, Programa de pós-Graduação em História, 1994.

NOTAS

¹ Universidade Federal de Santa Catarina, Universidade do Extremo Sul Catarinense, Universidade do Estado de Santa Catarina, respectivamente.

² O trabalho de Patrícia Freitas: *Margem da palavra, silêncio do número: o negro na historiografia de Santa Catarina*, realiza uma discussão sobre a forma como os autores do Instituto Histórico e Geográfico, principalmente Oswaldo Rodrigues Cabral e Walter Fernando Piazza analisavam a presença do negro na formação do estado.

³ CABRAL, Oswaldo. *Nossa Senhora do Desterro*. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

⁴ GOMES, Manoel. *Memória Barriga Verde*. Florianópolis: Lunardelli, 1990.

⁵ PIAZZA, Walter Fernando. *Santa Catarina: história da gente*. Lunardelli; Florianópolis, 1983.

⁶ PEREIRA, Nereu do Vale. *A Ilha de Santa Catarina: Espaço, tempo e gente*. Florianópolis: Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, 2002.

⁷ SILVA, Zedar Perfeito da. *Perfis de alguns catarinenses ilustres*. Rio de Janeiro, 1948

⁸ LEITE, Ilka Boaventura. *Descendentes de Africanos em Santa Catarina: invisibilidade histórica e segregação*. In: *Negros no sul do Brasil: Invisibilidade e Territorialidade*. Ed. Ilka Boaventura Leite. Florianópolis: Letras Contemporâneas, 1996. 33-53.

⁹ MAMIGONIAN, Beatriz G. “*Africanos em Santa Catarina: escravidão e identidade étnica (1750-1859)*” in: Seminário Internacional “Nas rotas do Império: Eixos Mercantis, Tráfico de Escravos, Relações Sociais no Mundo Português”, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, junho de 2006, 24p.

¹⁰ CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

¹¹ CHALHOUB, Sidney; e NEGRO, Antônio Luigi. *Projeto PROCARD*, Campinas, 2005. p.13.

¹² O número de trabalhos contabilizados aqui trata de todas as pesquisas realizadas a partir do tema imigração, somando também as que não caberiam na análise realizada posteriormente, e que portanto não constam entre os trabalhos citados e presentes nas tabelas em anexo.

¹³ PENNA, Clemente Gentil. *Escravidão, Liberdade e os Arranjos de Trabalho na Ilha de Santa Catarina nas Últimas Décadas da Escravidão (1850-1888)*. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

¹⁴ GOMES, Angela M. Castro. “Questão social e historiografia no Brasil do pós 1980: nota para um debate” *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, n. 34, 2004. p. 63

¹⁵ idem, p. 64

¹⁶ THOMPSON, E.P. *A Miséria da Teoria, ou um planetário de erros*. Uma crítica ao pensamento de Althusser. Rio de Janeiro: Zahar, 1981. p. 18

¹⁷ BATALHA, Cláudio. A Historiografia da classe operária no Brasil: Trajetórias e tendências. In: FREITAS, Marcos (org.). *Historiografia Brasileira em Perspectiva*. São Paulo. Ed. Contexto, 1998.

¹⁸ RIBEIRO, Manoel Alves. *Caminho*. [s.l]: [s.n.], [1990?] (Florianópolis: EDEME).

¹⁹ VIEIRA, Jaci Guilherme. *História do PCB em Santa Catarina- da sua gênese ate a operação Barriga Verde 1922 a 1975*. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina. Dissertação, 1994.

²⁰ MARTINS, Celso. *Os comunas: Álvaro Ventura e o PCB catarinense*. Florianópolis: Paralelo 27: Fundação Franklin Cascaes, 1995.

²¹ CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, Lar e Botequim*. São Paulo: UNICAMP, 2001. p. VI